

DENISE ROTHENBURG (COM EDUARDA ESPOSITO)
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Saúde na corda bamba

Um ministério que Lula protegeu com a bandeira técnica é o da Saúde. O PP não desistiu de ter a pasta, mas o PT resiste a entregar. A avaliação dos petistas é de que, se o partido abrir mão, perderá de vez o controle sobre uma área-chave. E deixará aberto para que todo mundo “se crie” por ali. Em 2010, em plena pandemia, o então presidente Jair Bolsonaro substituiu o médico e então deputado Luiz Henrique Mandetta pelo general Eduardo Pazuello, seu amigo. A gestão do militar foi considerada um desastre, mas, por outro lado, muitos bolsonaristas lembram que Bolsonaro queimou um potencial nome ao Planalto. Ou seja, não deixou surgir ali um adversário às suas pretensões eleitorais.

A ordem dos fatores

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Flávio Dino só tratará da liberação das emendas ao Orçamento depois da sanção do projeto pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, publicação no *Diário Oficial da União (DOU)* e juntada da nova lei aos autos do processo. Ou seja: esta semana não sai. No sábado, Dino estará no Maranhão, casando no civil com Daniela Lima, sua companheira há 15 anos.

Por falar em emendas...

Não será possível cortar o Orçamento de toda a Esplanada, mantendo as emendas intactas. E com a demora da liberação por Dino, a aposta é de que as que faltam liberar este ano correm o risco de terminarem no pacote de restos a pagar.

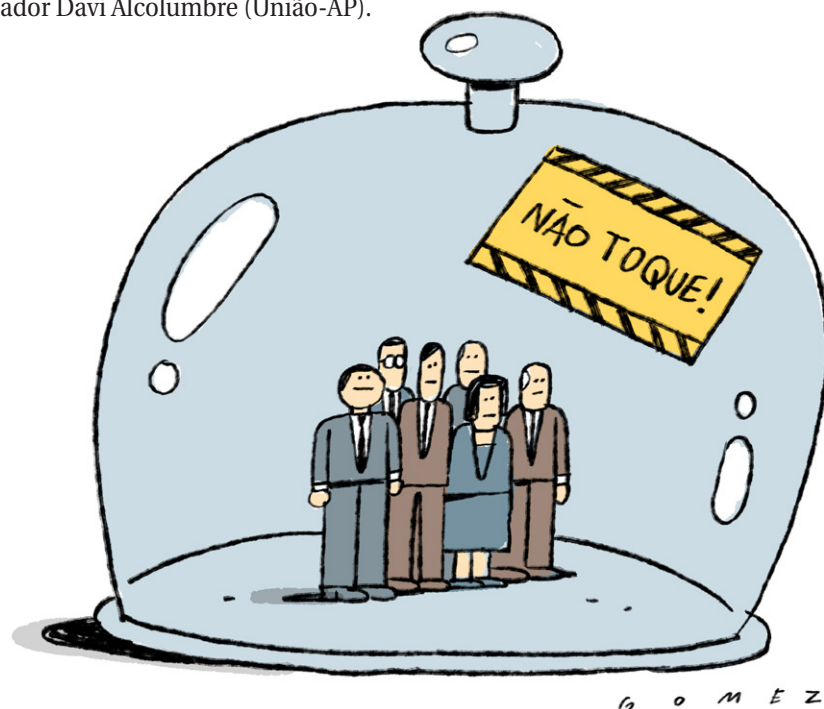
Outra visão

Os bolsonaristas veem uma luz para o ex-presidente nos áudios em que um coronel do Exército fala em “democracia é o cacete” e cita, em tom de reclamação, declarações de Jair Bolsonaro sobre não querer sair das quatro linhas da Constituição. Consideram que pode ser uma prova de que o ex-presidente não participou de planos de tentativa de sequestro e assassinato.

Os “imexíveis”

No governo Collor, o então ministro do Trabalho, Antonio Rogério Magri, sacou um “imexível” para se referir ao plano econômico do presidente à época. Agora, passados 34 anos, a política adotou o neologismo do então ministro para se referir às trocas no governo Lula. O presidente pode até ter necessidade de substituir alguns colaboradores, mas, se o fizer, terá que ser de forma a não desequilibrar os partidos — ou seja, manter a distribuição entre as legendas que hoje ocupam as vagas.

Por exemplo: tirar Alexandre Silveira do Ministério de Minas e Energia pode ser mais problemático do que parece. Silveira vem de um PSD vitorioso nas urnas para a Prefeitura de Belo Horizonte e é um dos mais fiéis a Lula. Tirar Waldez Góes do Ministério da Integração e Desenvolvimento Regional somente se houver algo mais a oferecer ao senador Davi Alcolumbre (União-AP).



Sem descanso

Aliás, depois que o plano de assassinato veio à tona, a ideia de Bolsonaro é falar todos os dias para continuar no contraponto ao governo e aos petistas. E a partir daí, tentar reaglutinar seus eleitores nas ruas para defendê-lo.

Abaixo a polarização

O jantar da Confederação Israelita do Brasil (Conib), no último fim de semana, em São Paulo, ainda ecoa na cabeça dos políticos que viram ali a largada de um movimento na política brasileira. Houve governadores convidados — por exemplo, Tarcísio de Freitas (SP) ou Ronaldo Caiado (GO). Mas nem Lula e Bolsonaro foram chamados. Cláudio Lottenberg, que preside a Conib, foi direto: “Não convidei o atual, mas o futuro presidente está nesta sala”. Se esta bandeira “abaixo a polarização” e o “extremismo” pegar, ficará ruim para bolsonaristas e petistas.

CURTIDAS

O “problemão” de Nikolas/ A expectativa de alguns bolsonaristas de ver o deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) no Senado terá que esperar. Ele completa 30 anos em 2026 e, para ser senador, precisa ter 35, no mínimo.

Em cartaz/ O público da sessão de 20h de domingo, no Cine Brasília, não só aplaudiu como formou um coro “sem anistia”, ao final do longa *Ainda estou aqui*, de Walter Salles. As atuações de Fernanda Torres e de Fernanda Montenegro, no papel de Eunice Paiva, a viúva do ex-deputado Rubens Paiva, refrescam a memória dos anos 1970, que muitos parecem esquecer. Que o país nunca mais flerte com ditaduras e golpes de Estado.

Prêmio Marco Maciel/ A Associação Brasileira de Relações Institucionais e Governamentais (Abriig) fará, hoje, a solenidade de entrega da honraria àqueles do setor que se destacaram no diálogo, na ética e na transparência nas relações público-privadas. É a sétima edição em homenagem ao ex-senador e ex-vice-presidente Marco Maciel, que ao longo de sua trajetória política trabalhou em prol dessas premissas.

Divulgação FIEMS



Por falar em homenagens.../ No Mato Grosso do Sul, o presidente da Federação das Indústrias, Sérgio Longen, celebrou os 45 anos da instituição homenageando o ex-presidente Michel Temer e o ex-governador de São Paulo João Dória.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Palácio do Planalto festeja triunfo de representante da centro-esquerda na corrida presidencial uruguaia. Considera que pode reforçar a posição brasileira dentro do bloco comercial e contribuir para isolar o presidente da Argentina, Javier Milei

Vitória de Orsi dá alento ao Mercosul

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva conversou, ontem, com o presidente eleito do Uruguai, Yamandú Orsi, e parabenizou-o pela vitória nas urnas no domingo. Representante do uma ampla coalizão que inclui o ex-presidente uruguaio José “Pepe” Mujica, um dos mais influentes líderes de esquerda da América Latina, a chegada de Orsi ao governo uruguaio foi celebrada no Palácio do Planalto. E por duas razões: a primeira, porque o presidente Luiz Inácio Lula da Silva passa a ter mais um interlocutor na região, sobretudo dentro do Mercosul; e a segunda é porque isola ainda mais Javier Milei, presidente da Argentina.

A conversa deles ocorreu ontem de manhã e agendaram um encontro na cúpula do Mercosul, em Montevidéu, dias 5 e 6 de dezembro. Lula foi um dos primeiros chefes de Estado a

parabenizar o presidente eleito logo no domingo, assim que o resultado das urnas foi divulgado.

“Essa é uma vitória de toda a América Latina e do Caribe. Brasil e Uruguai seguirão trabalhando juntos no Mercosul e em outros fóruns pelo desenvolvimento justo e sustentável, pela paz e em prol da integração regional”, publicou Lula em sua conta no X (antigo Twitter).

A vitória de Orsi foi recebida com euforia no Palácio do Planalto porque o governo do atual presidente, Luis Lacalle Pou, contribuiu para esvaziar o Mercosul, na visão de autoridades brasileiras. A situação se agravou com a chegada de Milei à Casa Rosada, pois ambos são a favor de fechar acordos à parte do bloco.

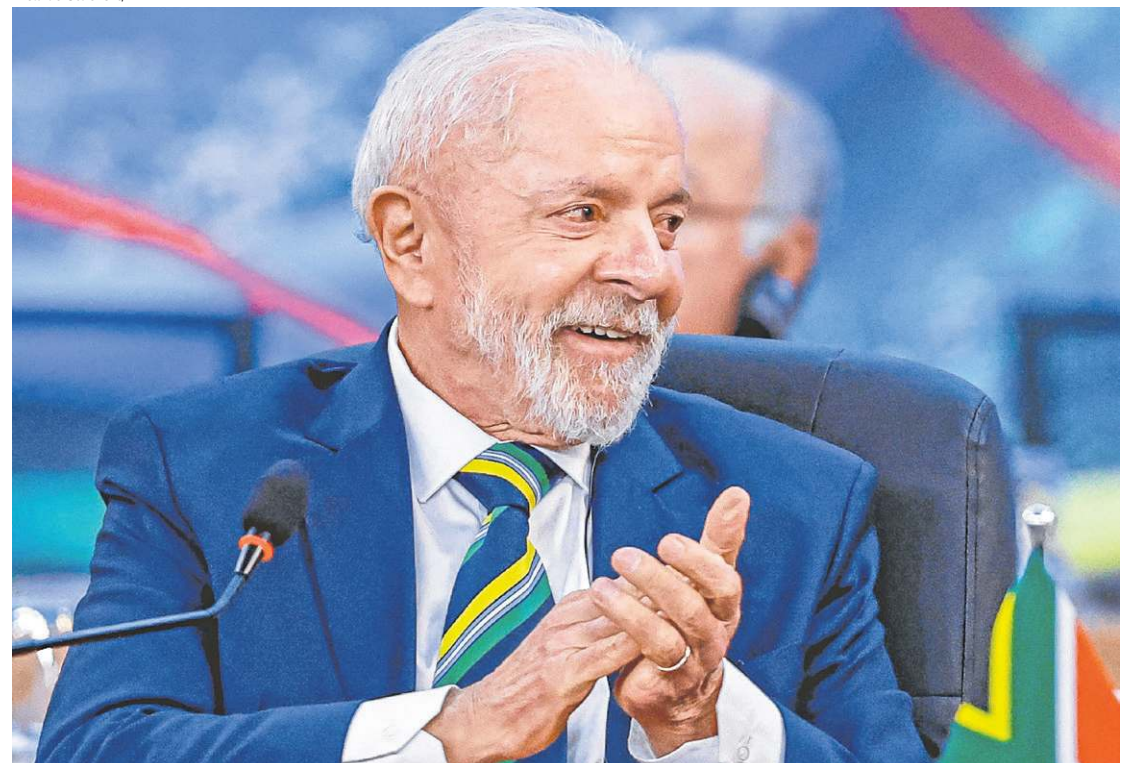
Divergência

Lula tem boa relação com Lacalle Pou, apesar de ter sido criticado pelo dirigente uruguaio

pela posição considerada leniente com o autocrata da Venezuela, Nicolás Maduro. O presidente visitou o Uruguai, no início do ano, para um encontro com Pou, mas também esteve com Mujica.

Auxiliares de Lula também festejaram a vitória de Orsi. O ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República, Márcio Macêdo, parabenizou os uruguaios pela escolha e a Mujica pela vitória do correligionário. O mesmo fez o ministro Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais (SRI). O advogado-geral da União (AGU), Jorge Messias, destacou a realização das eleições uruguaias, cujo resultado foi aceito por todos os candidatos — uma alusão à situação brasileira de 2022, quando Jair Bolsonaro não reconheceu a derrota para Lula e foi indiciado pela Polícia Federal (PF) por envolvimento em uma conspiração para a execução de um golpe de Estado.

Ricardo Stuckert/PR



Lula fechou um encontro com Orsi durante a cúpula do bloco econômico, em 5 e 6 de dezembro, em Montevidéu

RELIGIOSIDADE

Andressa Anholete/SCO/STF



Na parede atrás do presidente há um crucifixo, símbolo do catolicismo

Símbolos permanecem em órgãos públicos

» RENATO SOUZA

O Supremo Tribunal Federal (STF) formou maioria, ontem, para permitir que símbolos religiosos sejam mantidos em órgãos públicos. De acordo com o entendimento da Corte, as imagens podem ser colocadas desde que tenham ligação com a manifestação da cultura nacional.

O debate ocorreu após uma ação do Ministério Público Federal (MPF) que questiona a constitucionalidade deste tipo de manifestação, tendo em vista que a legislação brasileira considera o Estado laico — que não tem preferência por qualquer

religião. O julgamento vem se realizando no plenário virtual, espaço eletrônico no qual os ministros registram os votos.

A análise do caso começou em 15 de novembro e segue às 11h59 de hoje. Até o prazo final, os magistrados podem alterar os votos ou mesmo pedir vista — que significa mais tempo para analisar o caso. O relator do processo é o ministro Cristiano Zanin.

Para o magistrado, não existe violação da Constituição, pois as religiões fazem parte da formação cultural do brasileiro. “A presença de símbolos religiosos em prédios públicos, pertencentes a qualquer dos Poderes da União,

dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira, não viola os princípios da não discriminação, da laicidade estatal e da impessoalidade”, salienta Zanin no relatório.

Votaram no mesmo sentido os ministros Flávio Dino, André Mendonça, Dias Toffoli e Gilmar Mendes. No próprio plenário do Supremo, há um crucifixo fixado na parede, atrás da cadeira da presidência da Corte, em referência ao cristianismo. A decisão do Supremo tem repercussão geral e deve ser seguida por todos os tribunais do país.



A presença de símbolos religiosos em prédios públicos, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural brasileira, não viola os princípios da laicidade estatal”

Trecho do voto do ministro Cristiano Zanin